

SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA NA ESCOLA¹

Isabeli C. Bruschi

Tânia A Silva Klein

Depto Biologia Geral, UEL

Caixa Postal 6001, Campus Universitário, 86051 990 - Londrina, PR, Brasil

A adolescência é uma etapa da vida onde ocorre muita transformação. O corpo começa a mudar e vão surgindo dúvidas, vontades, ansiedades. Nessa época, tudo é vivido intensamente e tudo muda muito rápido: o adolescente varia suas opiniões, idéias, comportamentos, humor, assim como muda de roupa. É um período onde o indivíduo perde o “medo” e se arrisca em situações limites, sendo um período caracterizado por comportamentos inconseqüentes em relação à prática sexual. Com a chegada da puberdade, todo o organismo é invadido pela força das transformações biológicas e tomado por impulsos sexuais e agressivos, determinando o início da puberdade e do processo da adolescência. De início, sem saber bem o significado de sua sexualidade e de como dispor dela, o adolescente pouco a pouco vai descobrindo os mistérios e os devaneios que essa situação atraente e angustiante lhe desperta.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais publicados pelo Ministério da Educação e do Desporto incluem a orientação sexual dentre os temas transversais nas diversas áreas do conhecimento, visando impregnar toda prática educativa com as questões da orientação sexual. O trabalho da sexualidade na escola deve ser entendido como levantar questionamentos, ampliar conhecimentos e opções para que o aluno escolha o seu caminho. A escola é uma instituição inserida no contexto social, por mais falta de preparo que tenham, como incertezas, inseguranças, estão mais cientes, questionando e refletindo sobre o cotidiano pedagógico em conjunto com a educação sexual.

A intervenção para dissolução de dúvidas e apoio ao adolescente torna-se fundamental, considerando a sexualidade como parte integral do desenvolvimento humano. Nesse sentido, a escola representa um importante espaço propício à discussão sexual, com base no conceito de saúde como qualidade de vida (Vieira, Paiva e Sherlock, 2001). Enquanto a mídia explora o tema sobre a sexualidade indiscriminadamente, o falar sobre sexo ainda está permeado de tabus e crenças. Muitos são os relatos a respeito da dificuldade que, tanto os pais como professores, têm na tarefa da educação sexual. Tal situação levou à realização deste trabalho, com o intuito de promover um espaço e conhecer as dúvidas que os adolescentes têm sobre a sexualidade, beneficiando, assim, educadores na adoção de posturas diante das questões que aparecem no seu cotidiano.

Metodologia

Foram entrevistados 127 alunos da 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental de uma escola pública e de uma escola de ensino privado da cidade de Ibiporã, Paraná. A faixa etária dos alunos entrevistados variou de 12 a 14 anos. As questões selecionadas visavam tanto a compreensão do que o adolescente sabe sobre DSTs e gravidez precoce, como também os meios de informação utilizados por eles.

¹ Monografia, Curso de Especialização em Biologia Aplicada à Saúde, Universidade Estadual de Londrina, 2003.

Resultados e Discussão

Em um primeiro momento, os alunos foram questionados sobre a frequência que falam sobre sexo com os pais. Houve diferença significativa entre as respostas, ocorrendo um maior número de alternativas *às vezes* e *nunca* falam sobre sexo com seus pais. Este dado indica a dificuldade ainda existente nas famílias sobre o envolvimento com a formação dos filhos de forma íntegra. Os pais não podem transferir toda responsabilidade desse processo para a escola, mas podem e devem participar e questionar o quanto a escola e o professor estão preparados para essa tarefa, ocorrendo, desta forma, um processo integrado.

Quando questionados sobre qual meio influencia na sua aprendizagem sobre sexualidade, 23% dos meninos da escola de ensino privado disseram que tiram suas dúvidas com colegas e 34% das meninas afirmaram tirar as dúvidas existentes com os pais. Na escola pública, 34% dos meninos e 30% das meninas elencaram os livros e revistas como principal referência. Sobre a importância da televisão em trazer informações construtivas sobre sexo na adolescência, alunos da escola de ensino privado, afirmaram que *sim* ou *às vezes* (42% dos meninos e 58% das meninas, respectivamente). Já na escola pública, 44% dos meninos disseram que *sim* e 45% das meninas disseram que *às vezes*. Em outra questão sobre qual o método contraceptivo mais eficiente, cerca de 50% responderam ser a camisinha masculina.

Quanto à idade ideal para se ter a primeira relação sexual, 71% dos meninos e 69% das meninas (escola de ensino privado) disseram que é quando estiverem preparados. Já na escola pública, 52% dos meninos e 63% das meninas também disseram que é quando estiverem preparados, não especificando idade cronológica. É sabido que muitos jovens iniciam sua vida sexual em idade precoce, e a manutenção de uma vida sexual sem preparo e cuidado pode trazer inúmeras consequências, como a gravidez indesejada, o aborto e as doenças sexualmente transmissíveis. E, além disso, estudos têm demonstrado que muitos adolescentes, apesar de relatar conhecimento sobre métodos anticoncepcionais, não os utilizam.

A ocorrência da gravidez na adolescência vem aumentando muito. De acordo com dados do Ministério da Saúde, em um ano, de cada 100 mulheres que têm bebês, 28 têm menos de 18 anos. Isto tem sérias consequências físicas, psicológicas e sociais. Muitas vezes, o adolescente mantém relações sexuais sem saber das possíveis consequências: falta de informação; mesmo tendo conhecimento, não utilizam métodos contraceptivos; não têm condições financeiras de adquiri-los; a instabilidade própria da adolescência; pretexto para casar, em busca de um carinho que não recebe em casa e engravidar como única solução de vida. Na entrevista, quando os alunos foram indagados sobre como pode ocorrer a gravidez, na escola de ensino privado 54% disseram que é através do sexo vaginal com ejaculação no período fértil da mulher. Já na escola pública, 58% dos meninos e 45% das meninas escolheram tal alternativa. Outras respostas apareceram em ambas as escolas, como sexo anal, vaginal sem ejaculação, ou com ejaculação, mas fora do período fértil da mulher, o que demonstra a falta de informação nesta faixa etária, entre os entrevistados.

Quando foi solicitado que identificassem quais eram doenças sexualmente transmissíveis, em um lista de doenças colocadas, 30% dos alunos da escola de ensino privado, elencaram a AIDS em primeira colocada entre as outras doenças, enquanto na escola pública, 58% dos meninos e 52% das meninas disseram ser a AIDS a mais contagiosa. De maneira geral, os alunos souberam identificar quais eram DSTs entre outras patologias. Em outra pergunta da entrevista, os alunos foram questionados sobre como se contrai as doenças sexualmente transmissíveis. Na escola de ensino privado 8% dos meninos disseram que é através de relações sexuais sem camisinha e 52% das meninas disseram que não sabem. Já na escola pública, 62% dos meninos e 56% das meninas disseram que é através de relações

sexuais sem camisinha. Na questão sobre a cura das doenças sexualmente transmissíveis, a maioria dos alunos respondeu que algumas DSTs têm cura e outras não.

Considerações Finais

Segundo Vieira et al. (2001), os fatores que podem levar os adolescentes à adoção de comportamento de risco são: influência do namorado, confiança no parceiro, impulso, pressa e imprevisibilidade do ato sexual, o que incrementa uma intervenção no sentido de orientar e satisfazer as dúvidas nesta fase da vida do adolescente. A intervenção do professor é de extrema importância para a formação integral do indivíduo. Os professores, por sua vez, serão modelos comportamentais, além de representarem a autoridade e o saber. Caberia a cada um a aplicação dos conteúdos programáticos além de passarem as informações cognitivas onde surgirão inúmeros comentários sobre os fatos acontecidos na escola e na cidade. Essas conversas informais ligadas ao conteúdo desempenharão papel importante na socialização e na educação sexual.

Devemos como educadores respeitar os grupos sociais, sejam de acadêmicos ou religiosos e lembrar a sexualidade imbricada ao prazer, ao afeto, à comunicação e ao direito de escolha de cada pessoa.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, J. G. (coord.). *Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.
- CAVALCANTI, A. P. I. S.; ZENI, A. P.; PINHEIRO, E. B.; PESSOA, F. P. I. S. E BARBOSA, E. M. S. *Aspectos psicossociais de adolescentes gestantes atendidas em um serviço público da cidade de Recife*. In: Ramos, F. R. S., Monticelli, M. e Nitschke, R. G. Projeto acolher. Brasília: ABEN, Governo Federal.
- FERNANDES, A. F. C; GURGEL, A. H. E JULIÃO, T.C. Prevenção de DST/AIDS: uma abordagem junto a famílias de adolescentes. *J bras doenças sex transm.* 11(6), p. 4–9, 1999.
- FERREIRA, S. M. B.; PINHEIRO, V. M. S.; SÁ, E. M. M. E ALVARERENGA, G. C. Uso de preservativo por adolescentes de um colégio estadual em Niterói–RJ. *J bras doenças sex. transm.* 10 (3), p. 10-12, 1998.
- GIR, E. *Sexualidade em temas*. Ribeirão Preto: Funpec-RP, 2000.
- MACHADO, J. C. F. *Sexo com liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NODIN, N. M. S. disponível em: <http://www.sentidos e sensações.pt>. acesso em: 22 ago 2002.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Pluralidade cultural: Orientação sexual/Secretaria de Educação Fundamental. 2ª edição. Rio de Janeiro: dp&a, 2000.
- SARUÉ, S. disponível em: <http://www.sentidos e sensações.pt>. acesso em: 22 ago 2002.
- SOUZA, H. P. *Convivendo com seu sexo: pais e professores*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.
- SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SUPLICY, M. *Papai, mamãe e eu*. São Paulo: FTD, 1990.

VIEIRA, N. F. C.; PAIVA, T. C. H. E SHERLOCK, M. S. M. Sexualidade, Dst/Aids e adolescência não quero falar, tenho vergonha. *J. bras . doenças sexualmente transmissíveis*. 13 (4), p. 46-51, 2001.

VITIELLO, N. Manifestações da sexualidade na infância. Disponível em: <http://www.sos_doutor.com.br/sossexualidade/manifestações_infância.asp>. acesso em: 22 ago 2002.